

História nos Manuscritos: conflito entre poder local e religiosos na Vila de Santos

Phablo Roberto Marchis Fachin

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)
Av. Prof. Mello Moraes, 1235, Bloco G, 408 - 05.508-030 - Butantã – São Paulo – SP –
Brasil - phablo@hotmail.com

***Abstract.** This paper describes the conflict between local power and religious of the Santo Antônio's convent, in the Village of Santos, in the first half of century XVIII. For the History it is an important fact to reconstitute the cultural life, social and economic in that period. For the Philology, as say Spina, a guise of the text leave to be an end himself to transform instrument that permit reconstitute the spiritual life of the people or of the community in determined time.*

***Keywords.** Philology; History.*

***Resumo.** O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a situação conflitante pela qual passou a relação entre o poder local e o clero do convento de Santo Antônio, na Vila de Santos, na primeira metade do século XVIII. Mais do que um simples caso, para a História trata-se de relevante episódio para reconstituir a vida cultural e sócio-econômica daquele período. Já do ponto de vista filológico, como afirma Spina, uma forma de o texto deixar de ser um fim em si mesmo para se transformar num instrumento que permite ao filólogo remontar à vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em uma determinada época.*

***Palavras-chave.** Filologia; História.*

Introdução

Os documentos selecionados para este trabalho se encontram no Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal. Pertencentes à primeira metade do século XVIII, trata-se de manuscritos originais, portanto, no estado de língua em que foram escritos. Retratam interessante episódio envolvendo “vergadas” e “disciplinadas” ocorridas entre escrivão, escravo e religiosos na Vila de Santos. Composto por carta datada de 8 de junho de 1719 e escrita pelo juiz de fora da vila de Santos, Mathias da Silva, para Dom João V e de um auto (traslado), feito em 30 de maio de 1719 pelo escrivão da vara da Vila de Santos, por ordem daquele juiz. Acompanha esse auto o Termo de Assentada elaborado pelo mesmo tabelião trasladador, Pedro Pinto. Além desses documentos, há ainda uma provisão enviada por D. João V, dando conta da punição dos religiosos.

Na carta, Mathias da Silva pede ao rei que castigue o padre-guardião, Frei José de Santa Brígida, e mais religiosos do convento de Santo Antônio daquela vila por maltratarem o seu escrivão, Antônio Freire Agostinho, por este ter dado umas vergastadas num escravo daquele padre. No auto, segue a explicação de como se deu o maltrato e as tais vergastadas. As testemunhas foram ouvidas e seus depoimentos lavrados no Termo de Assentada. Infelizmente, a versão dos religiosos não se encontra nesses documentos.

Selecionaram-se esses manuscritos com o objetivo de apresentar a situação conflitante pela qual passou a relação entre autoridades locais e o clero daquele convento. Essa história faz parte dos inúmeros casos presentes em documentos manuscritos brasileiros e portugueses que ainda estão por ser lidos e editados. Mais do que um simples caso, para a História trata-se de relevante episódio para reconstituir a vida cultural e sócio-econômica daquele período. Já do ponto de vista filológico, como afirma Spina, uma forma de o texto deixar de ser um fim em si mesmo para se transformar num instrumento que permite ao filólogo remontar à vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em uma determinada época.

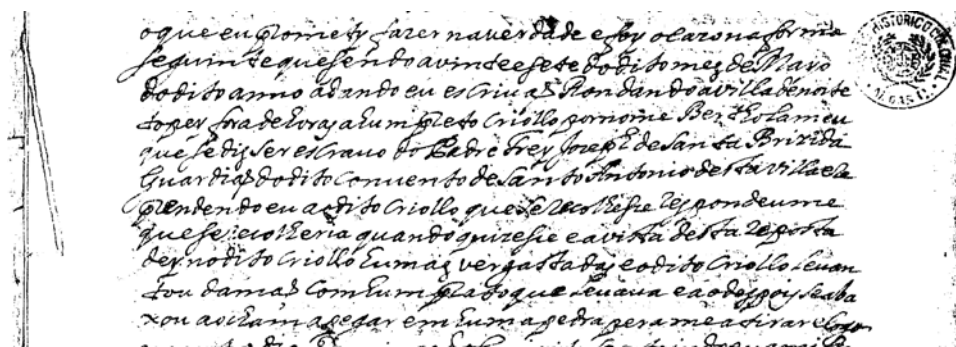
A descrição do caso

Na noite de 27 de maio de 1719, estava Antônio Freire Agostinho, o escrivão das execuções do juiz de fora, rondando a Vila de Santos, já fora de horas, quando topou com um preto, chamado Bartolomeu, que disse ser escravo do Frei José de Santa Brígida, padre-guardião do Convento de Santo Antônio da mesma vila. Sem se preocupar com a influência de seu proprietário, já que também se sentia autoridade, repreendeu-o, pedindo-lhe que se recolhesse, porém o escravo não acatou as suas ordens e lhe disse que se recolheria apenas quando quisesse. Por conta dessa resposta, o escrivão lhe deu umas vergastadas, ele o açoitou. Na realidade, não foram apenas “umas”, porque, segundo ele, o negro reagiu, primeiro, ameaçando-o com um prato que carregava, depois, abaixando-se ao chão para pegar uma pedra e atirar-lhe.

O escravo acabou se recolhendo e, na mente do escrivão, essa história terminaria assim. Talvez ocorresse dessa forma se o escravo em questão não fosse do padre-guardião daquele convento, o mesmo ao qual Agostinho e o Juiz de Fora Mathias da Silva foram à missa no outro dia, Domingo do Espírito Santo. Lá, o padre-guardião e

convento de Santo Antonio desta Villa por insolensas, e açoutarem nas costas a Antonio Freyre Agostim escripto meu

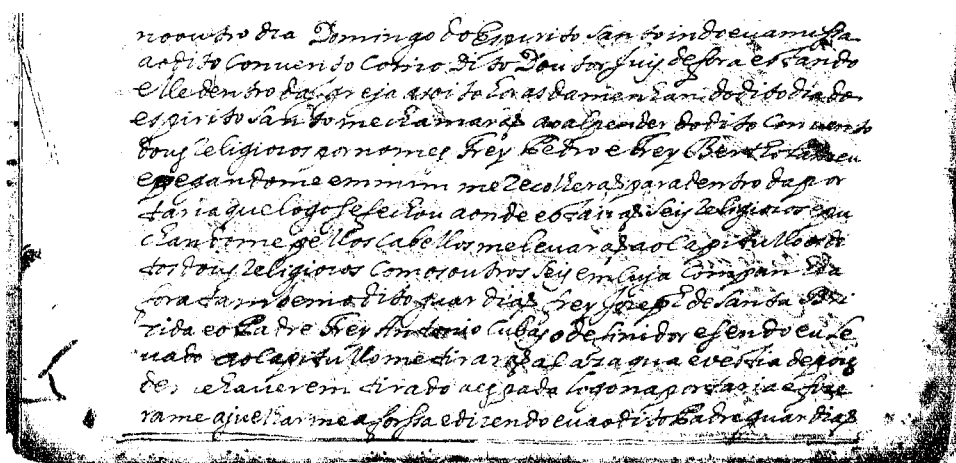
A pedido desse mesmo juiz, foi feito o termo de assentada, onde o escripto e mais testemunhas relataram como ocorreram as disciplinadas:



o que eu promety fazer na uerdade e foy o cazo na forma seguinte que sendo a vinte e sete do dito mes de Mayo do dito anno achando eu escripto Rondando a villa de noite topey fora de horas a hum preto criollo por nome Bertholameu que se dis ser escauro do Padre Frey Joseph de Santa Brizida Guardiaõ do dito conuento de Santo Antonio desta villa e reprendendo eu ao dito criollo que se recolhesse respondeu me que se recolheria quando quizesse e a vista desta repostada dey no dito criollo humas vergastadas e o dito criollo leuanta da maõ com hum prato que leuaua e ao depois se abaxou ao cham a pegar em hum a pedra pera me atirar e logo

o que eu promety fazer na uerdade e foy o cazo na forma seguinte que sendo a vinte e sete do dito mes de Mayo do dito anno achando eu escripto Rondando a villa de noite topey fora de horas a hum preto criollo por nome Bertholameu que se dis ser escauro do Padre Frey Joseph de Santa Brizida Guardiaõ do dito conuento de Santo Antonio desta villa e reprendendo eu ao dito criollo que se recolhesse respondeu me que se recolheria quando quizesse e a vista desta repostada dey no dito criollo humas vergastadas e o dito criollo leuanta da maõ com hum prato que leuaua e ao depois se abaxou ao cham a pegar em hum a pedra pera me atirar e logo

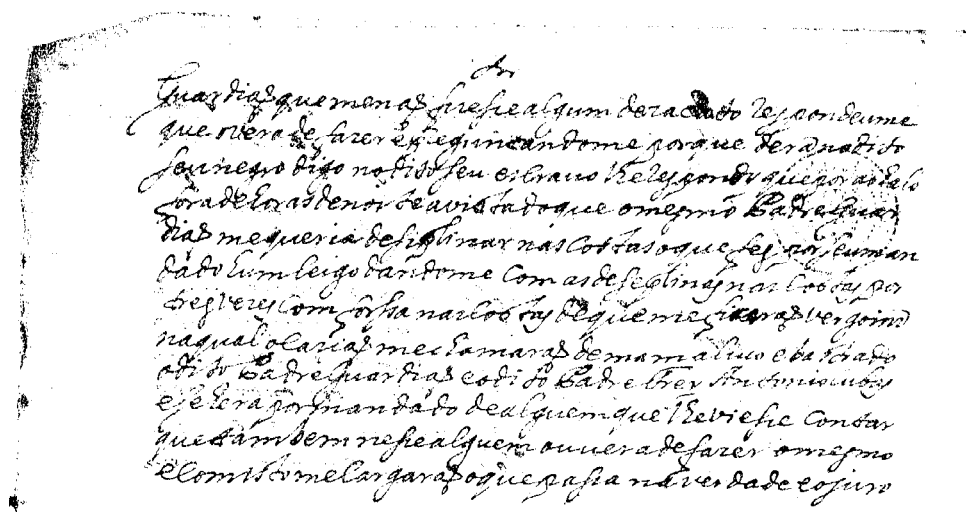
Na versão das testemunhas e, principalmente, na do escripto, há a nítida intenção de realçar o nível de violência do ato dos religiosos:



no outro dia Domingo do Espirito Santo indo eu a missa ao dito conuento com o Dito Doutor Juis de fora estando elle dentro da Igreja as oito horas da menhan do dito dia

no outro dia Domingo do Espirito Santo indo eu a missa ao dito conuento com o Dito Doutor Juis de fora estando elle dentro da Igreja as oito horas da menhan do dito dia

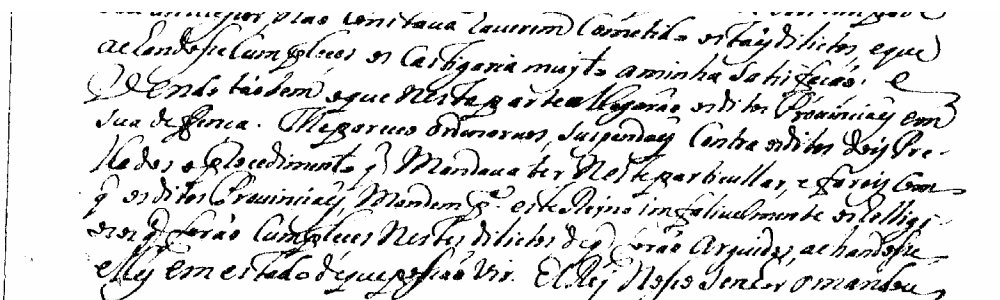
do espirito Santo me chamaraõ ao alpendor do dito conuento dous religiosos por nomes Frey Pedro e Frey Bertholameu e pegandome em mim me recolheraõ para dentro da portaria que logo se fechou aonde estavaõ seis religiozos e puchandome pellos cabellos me leuaraõ ao capitullo os ditos dous religiosos com os outros seis em cuja companhia fora tambem o dito guardiaõ frey Joseph de Santa Brizida e o Padre Frey Antonio cubas o definidor e sendo eu Leuado ao capitullo me tiraraõ a cazaqua e vestia depois de me hauerem tirado a espada logo na portaria e fizera me ajuelhar me a forssa e dizendo eu ao dito Padre guardiaõ



Guardiaõ que me não fisesse algum dezacato respondeume que overa de fazer e preguntandome porque dera no dito seu negro digo no dito seu escrauo lhe respondy que por achalo fora de horas de noite a vista do que o mesmo Padre Guardiaõ me queria desiplinar nas costas o que fes por seu mandado hum leigo dandome com as deseplinas nas costas por tres vezes com forssa nas costas de que me ficaraõ vergoins na qual occasiaõ me chamaraõ de mamaluco e bastrado o dito Padre Guardiaõ e o dito Padre Frey Antonio cubas e se hera por mandado de alguem que lhe viesse constar que tambem nesse alguem ouuera de fazer o mesmo e com isto me largaraõ o que passa na verdade e o juro

O desfecho dessa situação não se deu por vias amigáveis. Segundo carta citada na provisão, fora feita devassa para sentenciar os religiosos, no entanto, o provincial responsável omitiu os “excessos” cometidos. Por isso, o rei pediu nova devassa, que deveria ser feita com toda exação necessária. Infelizmente, esse resultado é desconhecido, pois a localização do manuscrito em questão ainda é desconhecida. Baseado no que aconteceu a outros dois religiosos que açoitaram um sapateiro, posição

bem menos conflitante do que a do escrivão, pode-se ter idéia desse resultado. No caso desses açoiteiros, mesmo com a interferência do provincial da Província de Nossa Senhora do Carmo, o rei ordenou que dessem cumprimento à sentença proferida a eles e os enviassem, infalivelmente, para o reino.



achandosse Cumpleções os Castigaria muyto a minha Satisfação; e Vendo tão bem o que Nesta parte o Alegarão os ditos Prouinciaes em sua deffemça. Me pareceo ordenaruos, suspendaões Contra os ditos dois Prellados o procedimento que Mandaua ter Neste particullar, e fareis Com que os ditos Prouinciaês, Mandem para este Reyno infaliuemente os relligiosos que forão Cumpleções Nestes dilictos de que foraõ arguidos, aehandosse elles em estado de que possaõ vir. El Rey Nosso Senhor o mandou

Conclusão

A partir do conteúdo desses manuscritos pode-se apreender a lógica da situação conflitante pela qual passou a relação entre o poder local e o poder religioso, naquele período. O episódio envolvendo “vergastadas” e “disciplinadas” entre escrivão, escravo e religiosos revela a naturalidade com que o recurso à chibata era usado no Brasil Colonial. Por trata-se de manuscritos originais, portanto no estado de língua em que foram escritos, além de subsídio para o entendimento socioeconômico e cultural da época, serve como fonte de pesquisa tanto para a História da Língua Portuguesa como para a Lingüística Histórica. Neles, há fenômenos lingüísticos encontrados somente naquele século, outros que já permeavam a Idade Média e continuaram em voga por outros tempos. Deus por Deos, prometi por promety, Espírito por Spirito, uma por humas ou hūas, escrivão por escriuaõ, houvera por ouuera, chão por cham, Igreja por Jgreja, manhã por menhan, dois por dous, bastardo por bastrado, entre muitos outros que poderão ser encontrados com a análise mais aprofundada desses manuscritos.

Bibliografia

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: UFBA, Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1994.

CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Antônio Gerado da; MEGALE, Heitor. A Carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo: Série Diachronica, 1, Humanitas, 1999.

CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SPINA, Segismundo. Introdução à Edótica. 2 ed. São Paulo: Edusp, Ars Poética, 1994.